

UM *STIBADIUM* COM MOSAICO NA *VILLA* ROMANA DO RABAÇAL

DE CENÁRIO ÁULICO A CHÃO DE CULTO CEMITERIAL – DE CHÃO AGRICULTADO ÀS PRIMÍCIAS ARQUEOLÓGICAS

MIGUEL PESSOA

Arqueólogo / Museólogo

Villa Romana do Rabaçal, Município
de Penela, Conímbriga – IMC

Introdução

A *Villa* romana do Rabaçal (Penela, Coimbra), assim denominada (tendo em atenção o nome da actual povoação vizinha) na ausência de qualquer testemunho epigráfico ou textual que refira como era conhecida, foi construída em três módulos separados, constituídos pela *pars urbana*, balneário e *pars rustica*, na segunda metade do séc. IV (Fig.1). Vem sendo sistematicamente objecto de estudos e escavações arqueológicas desde 1984. A descoberta da *pars urbana* ocorreu entre 1984 e 1997, abrangendo uma área de cerca de 2560 m², a do balneário, entre 1997 e 2001, num espaço de cerca de 384 m², e a da *pars rustica*, em 1989, 1991, 1996 e 1997, e 2002 a 2007, com continuação na actualidade, numa extensão de cerca de 896 m². Os elementos reunidos (PESSOA, 1998; PESSOA; RODRIGO; SANTOS, 2004; PESSOA, 2007, p. 85-101) tornam possível considerar a *Villa* romana do Rabaçal como um exemplo característico da variedade das ricas residências rurais aristocráticas da Antiguidade Tardia da Lusitânia e um eloquente documento material do seu estilo de vida (Fig.2).



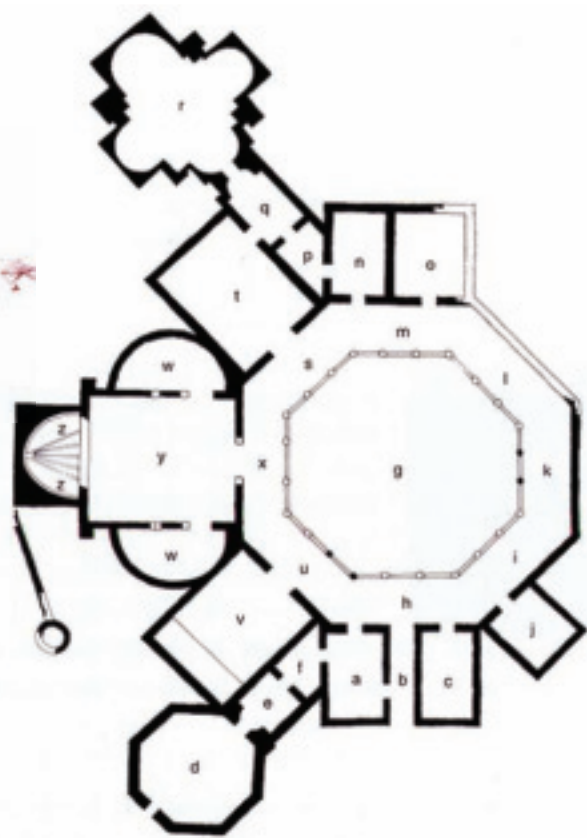
FIG.1 VISTA AÉREA DA VILLA ROMANA DO RABAÇAL: *PARS URBANA*, BALNEÁRIO, *PARS RUSTICA* E ÁREA DAS NASCENTES (CASA DA NORA). FOTO DE DELFIM FERREIRA. PRIMAVERA DE 1994.

A residência senhorial desta *Villa* apresenta planta de largo peristilo octogonal, orientado segundo a rosa-dos-ventos. Aos corredores deste pórtico central estão ligados, em forma de raios, os vários compartimentos da habitação. Este tipo de planta radial, pouco comum, tem semelhanças com o que foi descoberto nas Villas, da mesma época, de Abicada (Portimão, Algarve, Portugal) (Fig.3), Valdetorres de Jarama (Madrid, Castela, Espanha) e Palazzo Pignano (Cremona, Itália). A sala octogonal da Domus Áurea, em Roma, e a construção octogonal do *Macellum* da Agora de Gerasa, na Jordânia (Fig.4), são construções que remetem para a ancestralidade deste tipo de soluções arquitetónicas.

Os vestígios arqueológicos romanos do Rabaçal já haviam sido assinalados por Santos Rocha (ROCHA, 1905, p.144), João Manuel Bairrão Oleiro (1956), José Bento Vieira (1956) e Jorge de Alarcão (1974, p.197). Este sítio, visitado por nós em 1979, revelava, à superfície, resultante do amanho de terra por processos tradicionais, porções de mosaico solto e pequenos fragmentos de mármore com baixo-relevos. A não utilização de meios agrícolas mecanizados salvou parte dos testemunhos, pois o arado de madeira de tracção animal conservou os vestígios intactos a pouco



FIG.2 PLANTA DA ÁREA RESIDENCIAL (*PARS URBANA*) DA VILLA ROMANA DO RABAÇAL. IDENTIFICAÇÃO DOS COMPARTIMENTOS DE A A Z E RECONSTITUIÇÃO HIPOTÉTICA DO ALÇADO SUL. DESENHO DE JOSÉ LUÍS MADEIRA. 1993.



mais de 30 cm de profundidade. As primeiras descobertas, realizadas em terrenos cedidos solidariamente pelos proprietários (PESSOA; PONTE, 1984, p.113-116), vieram a justificar a sua compra posterior pelo Município de Penela.

A implantação do sítio arqueológico do Rabaçal junto de nascentes – a água é uma das razões fundamentais pela qual a *Villa* foi implantada neste local – exemplifica como as suas diversas partes constituintes (associadas a um *fundus*, cuja extensão não foi possível ainda determinar), obedecem a um plano de construções que inclui uma luxuosa residência, com banhos próprios, integrados numa quinta agrícola com criação de gado e produção cerâmica, metalúrgica e outros. Assim o testemunham, por exemplo, o seu forno cerâmico e os sinais de metalurgia, embora mantendo o timbre urbano que lhe é conferido pelas suas termas e traça dominante da *pars urbana*, com mosaicos de raros recursos técnicos e de grande riqueza artística (Fig.5), integrando uma estrutura de tipo basilical, cuja função não foi possível determinar. Também a sua localização obedece aos preceitos dos agrónomos romanos. Está situada numa das plataformas de rebordos alcantilados na base da encosta de Maria Pares (Fig.1). Trata-se da vertente Este da Serra de Sicó (Jurássico Inferior),

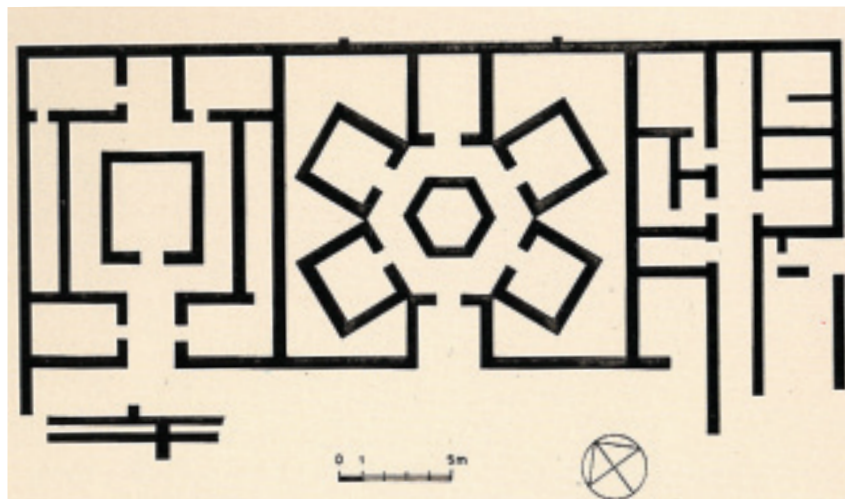


FIG.3 PLANTA DA ÁREA RESIDENCIAL DA VILLA ROMANA DE ABICADA, PORTIMÃO, PORTUGAL. (ALARCÃO, 1993, P.107).

percorrida por arrifes na direcção norte/sul, cobertos de terras argilosas de sementeira, vinha e olival, sobranceiros ao vale do Rabaçal, a meio do qual serpenteia a Ribeira do Rio dos Mouros ou *Caralium Seco*. A sua localização “numa meia encosta, com exposição privilegiada e um riacho” está em conformidade com as recomendações de Columela (*De re rustica*, 1.4-6). De acordo com as prioridades de Catão (*De Agricultura*, I, 7-1), encontramos nos campos circundantes, vinhas, hortas irrigadas, salgueiros, olivais, prados, campos de trigo, floresta, arvoredos e azinhal. Mas o que tornou a área da *Villa* particularmente apta para a instalação foi a ampla disponibilidade de água, garantida pela presença no local de poços e nascentes (Fig.1. Casa da Nora).

Esta *Villa* encontra-se a menos de 12km a sudeste de Conímbriga, fazendo parte integrante do território desta *ciuitas*, e está bem relacionada com este centro e respectivo mercado, podendo esse facto ter sido útil quer para a venda de produtos frescos aqui produzidos quer para a aquisição de quanto fosse necessário para as exigências da vida numa *Villa* dotada de palácio. O facto de, a escassos centenas de metros, do outro lado do vale, a propriedade ser bordejada pela via principal, onde foi descoberto um miliário do tempo do Imperador Décio, datado de c. de 250 (MANTAS, 1985, p. 159-179; PESSOA, RODRIGO, SANTOS, 2004, p.180), que passando por *Scalabis*, *Sellium*, *Conimbriga*, ligava *Olisipo* e *Bracara Augusta*, garantia fáceis e rápidas ligações, bem como segurança.

***Triclinium* triabsidado e *stibadium* com mosaico**

Os trabalhos aqui realizados entre 1986 e 1992 incidiram na escavação arqueológica que havia de revelar a presença de uma grande sala (Fig.6). Identificámo-la como sendo o triclinio – arquitetonicamente decorado com três absides (Fig.7), separadas do volume principal da sala rectangular (10 x 9m), todo ele pavimentado com um elaborado esquema de painéis de mosaico policromo, com motivos geométricos e figurativos (Fig.8) (PESSOA, RODRIGO, 2009, p.32-33). As duas absides laterais (diâmetro 7,5m, raio do fundo 4m) foram pavimentadas com *opus Signinum*. A abside central, do fundo (diâmetro 6,6m e raio do fundo 4,68m) apresentava-se dotada de um balcão ligeiramente subido, de cerca de 30 cm de altura, acima do pavimento da sala (Fig.7). Em relação ao pavimento de mosaico policromo que aí localizámos em 1992, não foi possível averiguar se originalmente se estendia a toda ou apenas a uma parte desta superfície sobreelevada, dado o estado de desagregação em que o mesmo se encontrava. O frontal desta plataforma horizontal, semelhante ao espelho de um degrau, seria de cerca de 30cm de altura, e apresenta-se decorado de placas de mármore branco – rosa. A parede do fundo curvo deste *podium* apresenta-se igualmente revestida de placas de mármore, das quais se conservam algumas *in situ*, sendo que o pavimento de mosaico policromo que o decorava apresentava um motivo de trança de dois fios e remate em V (PES-



FIG.4 VISTA DO *MACELLUM* DE PLANTA OCTOGONAL, NA ÁGORA DE GERASA, JORDÂNIA.



FIG. 5A E 5B PRIMAVERA E VERÃO. MOSAICO DO CORREDOR OESTE DO PERISTYLV DA PARS VRBANA DA VILLA ROMANA DO RABAÇAL, PENELA, PORTUGAL. SEGUNDA METADE DO SÉCULO IV D. C. *IN SITU* (IN PESSOA, 1998, P. 33 E 34. FOTOGRAFIAS DE DELFIM FERREIRA, 1991).

SOA, 1992, p.59; Idem, 2000, II, p.146). Foram então assinaladas, abaixo do nível do referido pavimento de mosaico da abside, 5 canaletas dispostas simetricamente, convergindo em leque para um mesmo ponto comum no fundo da parede curva, em razoável estado de conservação. Era este o ponto de entrada de água, abastecida a partir de um tanque circular de recolha de água das chuvas, localizado no exterior. A inclinação das referidas 5 condutas de *opus Signinum* para o pavimento do *triclinium*, apesar de pouco acentuada, é visível, sendo que se conserva *in situ*, na base do frontal do balcão da abside, um dos cinco orifícios da saída de água para o pavimento de mosaico da sala rectangular.

Em termos de circulação de pessoas, a ligação de quem vem do exterior para este salão nobre triabsidado faz-se a partir do corredor oeste do peristilo, por uma larga abertura, cujo umbral é decorado por duas colunas ao alto, de um lado e outro da passagem. Desce-se ao *triclinium* através de um ligeiro degrau de cerca de 15cm de altura, sendo que, portanto, o pavimento do *triclinium* se encontra a um nível abaixo do pavimento do dito corredor. A passagem para as absides laterais é feita por três vãos, provavelmente decorados com arcos suportados por pilares. A passagem para o seu interior faz-se através de soleiras em degrau, de cerca de 30cm de altura, construídas em alvenaria. Parece estarem assim criadas as condições para que o corpo principal da sala de jantar rectangular ou *triclinium*, decorado com um mosaico de distintos painéis com uma disposição tradicional em T + U (Fig.8), fosse dotado de um balcão para a instalação de um móvel semicircular denominado *sigma*



FIG. 5C E 5D OUTONO E INVERNO. MOSAICO DO CORREDOR OESTE DO PERISTYLUM DA PARS VRBANA DA VILLA ROMANA DO RABAÇAL, PENELA, PORTUGAL. SEGUNDA METADE DO SÉCULO IV D. C. *IN SITU* (IN PESSOA, 1998, P. 34 E 35. FOTOGRAFIAS DE DELFIM FERREIRA, 1991).

ou *stibadium* na abside do fundo da sala (Fig. 7 e 8). No caso do *dominus* juntar um maior número de convidados, as absides laterais assumiriam uma função idêntica. Estavam assim reunidas as condições para que a *cenatio* e o *convivium* decorressem num ambiente no qual o pavimento de mosaico de todo o triclinio estaria pronto a receber um espelho de água, como acontece no triclinio da Villa Tardo Antiga de Faragola (Ascoli Satriano), na Apúlia (Itália) (Fig. 10), recentemente descoberta (VOLPE, DE FELICE, TURCHIANO, 2006, p. 240, Fig. 30). De facto, a água corrente, controlada a partir do exterior, seria o ideal para refrescar o ambiente da sala durante uma refeição em tempo quente. Em alternativa, o convívio nas outras épocas do ano, em tempo frio, decorreria nos três leitos instalados um em cada um dos lados da sala rectangular e outro na parte direita do fundo da sala? Assim sendo, nessa altura do ano seria inadequada a adução de água sobre o pavimento desta sala de maior aparato.

Corresponderá esta hipotética fase de dupla funcionalidade da sala a um momento que a antecedeu no qual não estava ainda instalado o sistema de arrefecimento do ambiente através da cobertura do pavimento com água? Esta hipótese tem a ver com o facto de se conservarem *in situ*, na entrada tapada com degrau do lado esquerdo da abside sul, as placas de mármore até ao nível do mosaico, as quais revestem, em esquadria, a base da ombreira, sinal de que esta terá tido um momento em que estava à vista na sua totalidade. Ou estaremos perante uma simples alteração que teve lugar no decurso da obra?



FIG.6 VISTA DO TRICLINIUM DO RABAÇAL, TOMADO DO LADO OESTE, NO MOMENTO DA DESCOBERTA. FOTOGRAFIA DE DELFIM FERREIRA, 1992.

Lembremo-nos que se trata de um espaço interior exuberantemente decorado, do ponto de vista arquitectónico, com colunas, arcos, pilares, absides e, muito provavelmente, cúpulas (Fig.7).

De igual modo, o pavimento de mosaico desta sala exhibe, para além de sugestivos e variados motivos geométricos de grande efeito decorativo, um painel central com a apresentação das quatro estações do ano, numa composição cuidada, na qual foi usada uma ampla paleta de cores de tesselas de calcário e uma assinalável variedade de tesselas de vidro. No centro da composição destaca-se uma figura feminina sentada numa cátedra, que sugerimos poder representar Ceres ou mesmo a *domina* da *Villa*. Acrescente-se, ainda, a riqueza dos materiais de revestimento que decoram esta sala como sejam o calcário local da cornija jónica, os mármore de Estremoz/Vila Viçosa, nos baixo-relevos, e o *Marmor Tessalicum* ou verde serpentinito, nos revestimentos da abside central (PESSOA, 1998, p.37-41).

Ao tempo da descoberta desta área específica da *pars urbana*, decorrente, como dito, das escavações aqui realizadas entre 1986 e 1992, interpretámos o espaço construído em alvenaria no interior de uma abside (numa posição frontal, simétrica e sobrelevada), no fundo *triclinium*, como um ninfeu ou jardim interior. De facto, a assinalada existência de cinco canaletas, ligadas a um abastecimento a partir de um tanque exterior, punha de parte qualquer hipótese que não fosse a da retenção de água neste compartimento em forma de sigma. Era nossa convicção estarmos em presença de uma construção para reter água e não para a fazer graciosamente correr e divergir.

Inconformados com esta interpretação observámos de novo, durante a recente obra de estabilização e drenagem das estruturas arquitectónicas da *pars urbana*

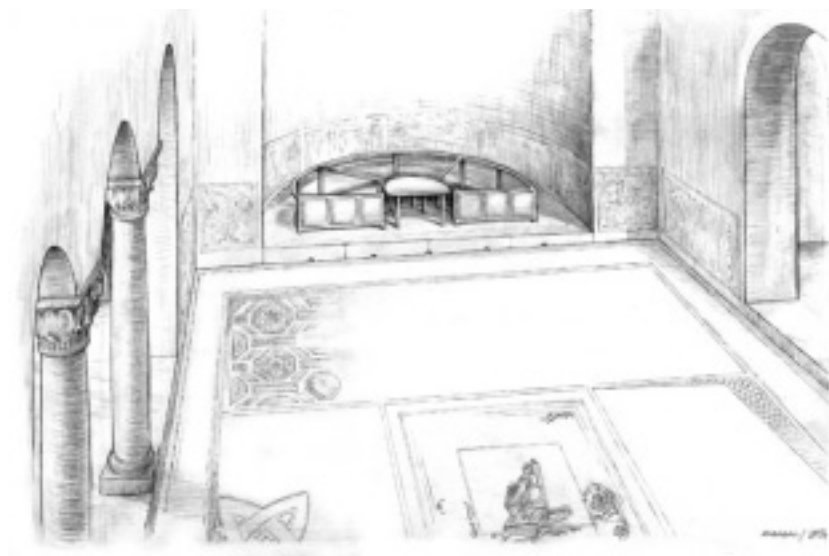


FIG.7 RECONSTITUIÇÃO HIPOTÉTICA DO TRICLINIUM COM STIBADIUM (DIÂMETRO 5,66M E PROFUNDIDADE DA ABSIDE 4,68M), VISTO DO LADO ESTE DA ENTRADA. PARS URBANA DA VILLA ROMANA DO RABAÇAL. DESENHO DE JOÃO POCINHO, 2008.

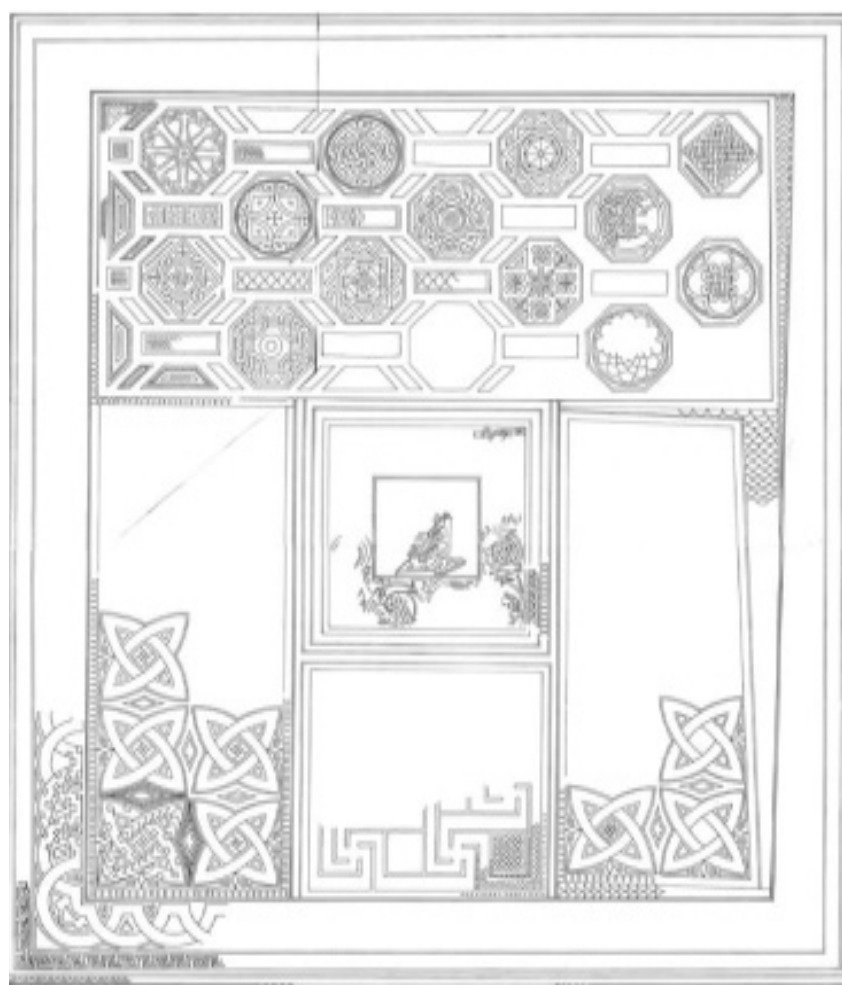


FIG.8 LEVANTAMENTO DOS MOTIVOS DO MOSAICO DO TRICLINIUM DA VILLA ROMANA DO RABAÇAL. DESENHO DE JOSÉ LUÍS MADEIRA, 1998.

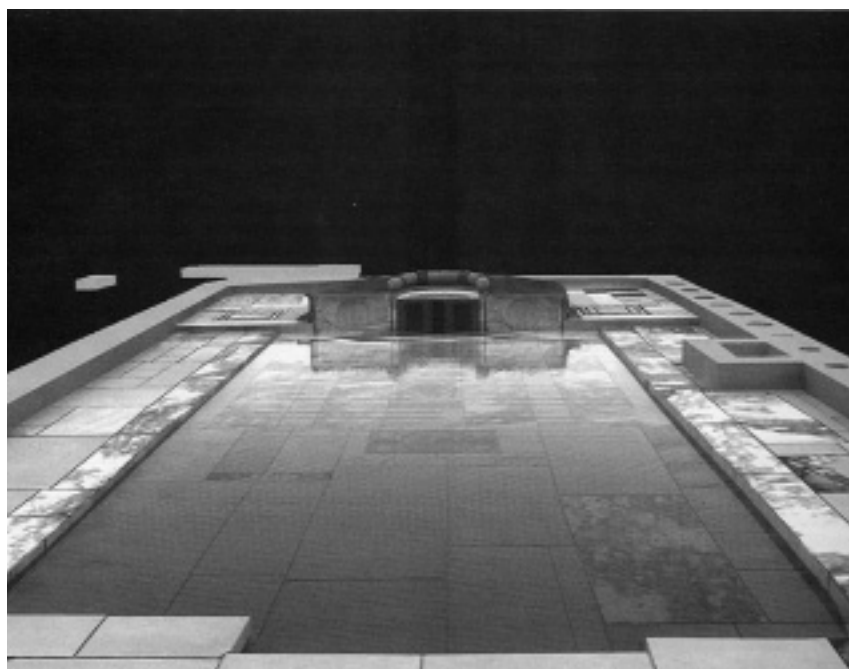
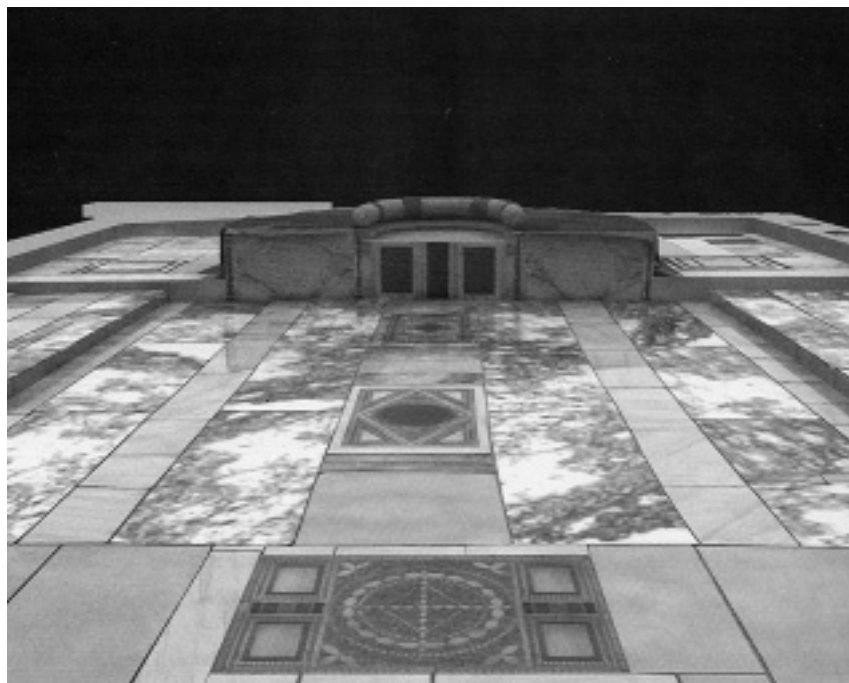


FIG.9 E FIG.10 RECONSTITUIÇÃO TRIDIMENSIONAL COMPUTORIZADA DA *CENATIO* DA *VILLA* DE FARAGOLA, APÚLIA, ITÁLIA, COM O PAVIMENTO DO VÃO CENTRAL COBERTO DE ÁGUA (VOLPE ET ALII, 2006, P. 240).

(Fig.11), que decorreu, com o apoio do World Monuments Fund, em 2006 e 2007, toda a área deste ninfeu, e, ainda, na sequência do apontamento sobre esta questão que o Prof. Justino Maciel teve a amabilidade de nos enviar em 2004 (PESSOA, RODRIGO, SANTOS, 2004, p.133, nº286). Colocamos agora a hipótese de que as canaletas tinham por função conduzir a água do fundo da abside para o pavimento do *triclinium*, dado que, como atrás referido, se conserva *in situ* um dos cinco orifícios circulares, abertos na base da placa que reveste a parte frontal do balcão da abside (Fig.7).

Vejamos ainda. A sala rectangular do *triclinium* faz ou não sentido ser controladamente inundada em época estival, em momentos em que as temperaturas chegam a passar os 40°? Fará sentido levar a cabo uma construção tão elaborada para dar resposta a uma simples necessidade de água para a limpeza da sala? No caso do uso deste espaço central do pavimento da sala para, em determinados momentos, receber água, o anfitrião, família e convidados teriam de estar instalados fora do espaço inundado, tendo como alternativa a moda da época de se disporem em leitos montados para o efeito nas absides (Fig.12). De facto, a abside central era a que estava preparada para receber os convivas mais importantes, estando ela própria decorada com mosaico policromo, que por falta de conservação não chegou aos nossos dias, mas do qual se conserva um decalque.

Se dúvidas temos, dúvidas continuamos a ter sobre este conjunto de dados e interpretações. Uma delas se nos afigura significativa. Para onde escoaria a água da sala que cobria o mosaico do triclinio? De facto não detectámos qualquer vestígio de dreno para o seu escoamento, à semelhança do que acontece no espaço a céu aberto do peristilo. Duas hipóteses podem, em nosso entender, ser colocadas: as temperaturas de Verão são de tal modo elevadas que um fino plano de água secaria num breve período de tempo; por outro lado, a rocha calcária onde assenta a construção apresenta fracturas que se podem constituir como condutas de água para o subsolo.

Ocorre-nos, ainda, uma outra interpretação para este conjunto construído, o qual apresenta uma parte, no fundo do interior do *triclinium* e, outra parte, no seu exterior. Ao contrário das hipóteses antes formuladas, faz sentido que possamos estar na presença de um sistema preparado para criar um ambiente seco e saudável, afastando, tanto quanto possível, a humidade do espaço interior e exterior da construção; e não fará sentido que este sistema preparado o seja para a indução de água no interior da abside e da sala rectangular.

Assim sendo, a água, para eventual uso doméstico, era recolhida no tanque exterior, por gravidade, a partir da caleira do beiral do telhado que cobria a abside do fundo do *triclinium*. O cano instalado muito provavelmente sobre o muro de suporte, do qual apenas chegou até nós o alicerce, ligaria as duas construções. Esta implantação exterior, para além da função de abastecimento, obstava a que a acumulação da água das chuvas aumentasse o nível de humidade na área exterior da habitação. Por outro lado, a série de cinco canaletas, em plano radial, descobertas no interior da sala absidada, contribuiria, do mesmo modo, para o isolamento da humidade no





FIG.11 VISTA AÉREA DO CONJUNTO DA VILLA ROMANA DO RABAÇAL, DURANTE A OBRA DE CONSERVAÇÃO DAS ESTRUTURAS ARQUITECTÓNICAS, COM O APOIO DO WORLD MONUMENTS FUND. FOTOGRAFIA DE FRANCISCO PEDRO, 2006.

interior do pavimento. Construções similares, com sistemas de arejamento instalados por baixo dos pavimentos, destinadas a dar resposta aos problemas da humidade do solo (por vezes dotadas de aquecimento através da montagem de uma fornalha com pavimento sobre *suspensurae*), foram encontradas, por exemplo, no sul da Gália, na *Villa* de Gleyzia d'Augreh, em Saint-Sever (BALMELLE, 2000, p.164) e, aqui perto de nós, na *Villa* de Santiago da Guarda, Ansião (RODRIGO, 2006, p.220). Ainda, no quadro desta diferente interpretação, os sons emitidos na sala rectangular do *triclinium*, na direcção das cinco aberturas bem destacadas nas placas de mármore que revestiam o soco do balcão do centro do fundo da sala, conforme reconstituição agora proposta, seriam mais fortes. Faz sentido que as cinco cavidades ressonantes, instaladas no interior do pavimento reelevado, convergindo para um mesmo ponto de saída, ligeiramente alteado, no fundo da abside, amplificariam os sons no momento do convívio (embora de época diferente, esta clara intenção de amplificação do som em ambiente áulico, está patente na cadeira-trono de D. João VI, recentemente exposta no Museu da Faculdade de ciências de Lisboa (EIRÓ, SOARES, 2008, p.20, 47).

Considerações

A adopção do leito semicircular, em que os convivas se apoiavam num almofadão, no mundo romano, correntemente apelidado de *stibadium* ou *sigma* (a partir da letra s grega), conforme estudo de E. Morvillez, desenvolveu-se no Alto Império e generalizou-se a partir do século III, em contexto pagão e cristão (Fig.12, 13). Perdurou muito tempo entre os Bizantinos, estando provada a transmissão do seu uso aos reinos bárbaros (MORVILLEZ, 1996, p.119, 126).

Os exemplos de *stibadia* recenseados por este autor, em contexto doméstico tardio, permitem-nos conhecer as suas dimensões e a sua configuração, seja porque o *sigma* se conserva construído, seja porque ele se encontra delimitado no pavimento decorado da sala que lhe reserva um espaço particular, seja pela sua dedução certa, tendo em conta a escolha da decoração e o seu enquadramento em relação à arquitectura. Existem ainda casos conhecidos de *sigma*-fontes. As dimensões das salas para a instalação do *stibadium* oscilam, entre a largura total da abertura de um mínimo de 3,10m e um máximo de 7,40m de diâmetro, e uma profundidade da abside entre um mínimo de 1,80m e um máximo de 3,80m de raio axial (Idem, p.127, 158). Os *stibadia* desenhados em planta no pavimento devem-se ao facto do mosaicista, aplicando o mesmo princípio dos painéis em T+U dos *triclinia* do Alto Império, ter desenhado no pavimento o enquadramento do leito semi-circular e até mesmo a mesa. O pavimento chega, nalguns casos, a ser dividido em compartimentos, de acordo com um número máximo de elementos que tomavam parte no *convivium* (Ibidem, p.131). De facto, a adaptação do leito em semicírculo, na Antiguidade Tardia e Bizantina, está bem atestada em testemunhos textuais (MACIEL, 1996, p.75), iconográficos (MORVILLEZ, 1996, p. 147, fig. 4) e arqueológicos (VOLPE, DE FELICE, TUR-

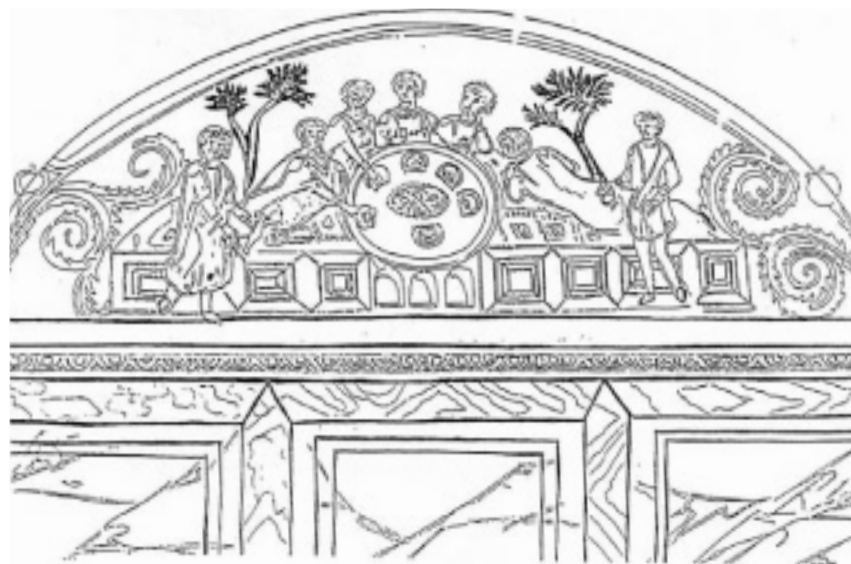


FIG.12 CENA DE BANQUETE NO *STIBADIUM*. PINTURA MURAL DE UM MAUSOLÉU DE TOMIS, PERTO DE CONSTANZA, ROMÊNIA (MORVILLEZ, 1996, p. 158).

CHIANO, 2006, p.221-251). Segundo estudo recente de A. Arnau, sobre as Villas na Hispânia durante a Antiguidade Tardia, encontra-se documentado na *Villa* de El Ruedo (Almedinilla, Córdoba) um dos poucos *stibadia* construídos, sendo que o mosaico das Villas de San Julián de Valmuza (Salamanca), Daragoleja (Granada), Fuente Álamo (Puente Genil, Córdoba) e Prado (Valladolid), apresentam pavimentos de mosaico onde estava marcada a posição deste móvel semicircular (Fig.14), que tanta preferência teve entre as classes aristocráticas durante a Antiguidade Tardia (ARNAU, 2006, p.22). As novas maneiras de receber à mesa determinam a construção de salas para a refeição de aparato ou de audiência solene, adequadas a receber este tipo de leitos construídos ou amovíveis, forrados de tecidos almofadados e rolos para encosto.

O gosto dos romanos pelos jogos de água levou-os a associá-los ao banquete, sendo conhecidos, como já vimos, os *triclinia* dotados de fontes. Com o aparecimento da expansão e uso corrente do *stibadium*, a partir do fim do séc. III e sobretudo do século IV (MORVILLEZ, 1996, p.126), a sua associação a jogos de água leva ao aparecimento, como vimos, dos denominados *sigma*-fontes a que são por vezes acrescentadas mais salas em abside para estender a refeição a um maior número de convivas. A configuração das salas ou a sua adopção às novas necessidades leva à proliferação, nas residenciais da Antiguidade Tardia, das salas absidadas ou em *sigma* múltiplos, com evidentes reflexos, em contextos funerários, nas sepulturas em *mensa* (MACIEL, 1992, p.483, Tav. I-c). Porém a marcação clara do leito ou *stibadium* (fixo ou amovível) só é evidente quando construído ou desenhado no pavimento, como parece acontecer em Conímbriga numa sala de fundo absidado



FIG.13 MOSAICO PARIETAL DA CENA DA “ÚLTIMA CEIA DE CRISTO E OS APÓSTOLOS”, DATADO DO SÉC. VI, NA BASÍLICA DA SANTO APOLINÁRIO NUOVO. RAVENNA, ITÁLIA (BUSTACCHINI, 2000, P. 112).

(4 de diâmetro e 3m de profundidade da abside), decorado com mosaico, exibindo uma concha rodeada de peixes, na Casa de Cantaber, no conjunto adoçado à muralha tardia, centrado num pátio porticado com tanque ornamental (OLEIRO, ALARCÃO, ALARCÃO, 1979, p.25, nº23). Uma evocação deste tipo de móvel, na sua versão facilmente desmontável, é hoje apresentada em exposição permanente na abside sul da sala trilobada, usada para banquetes, na *Villa*-Loupian (Gália Narbonense), Nord du Bassin de Thau (LUGAND; PELLECUR, 2007, p.30). Proliferam, de facto, os supostos *stibadia*, como é o caso da *Villa* de Arneiro de Maceira Lis (Fig.15) (PESSOA, 2005 a, p.44-45) e da Quinta das Longas, S. Vicente e Ventosa, em Elvas (Fig.16) (ALMEIDA, CARVALHO, 2005, p.305-306, Fig.11), na medida em que a implantação reservada ao leito não chegou até nós, porque os seus vestígios desapareceram ou não foram explicitamente marcados. Foi o que aconteceu na *Villa* de Torre de Palma (LANCHA, ANDRÉ, 2000, Vol. Texto, p.100-103) e, provavelmente, na *Villa* do Rabaçal (Fig.7).

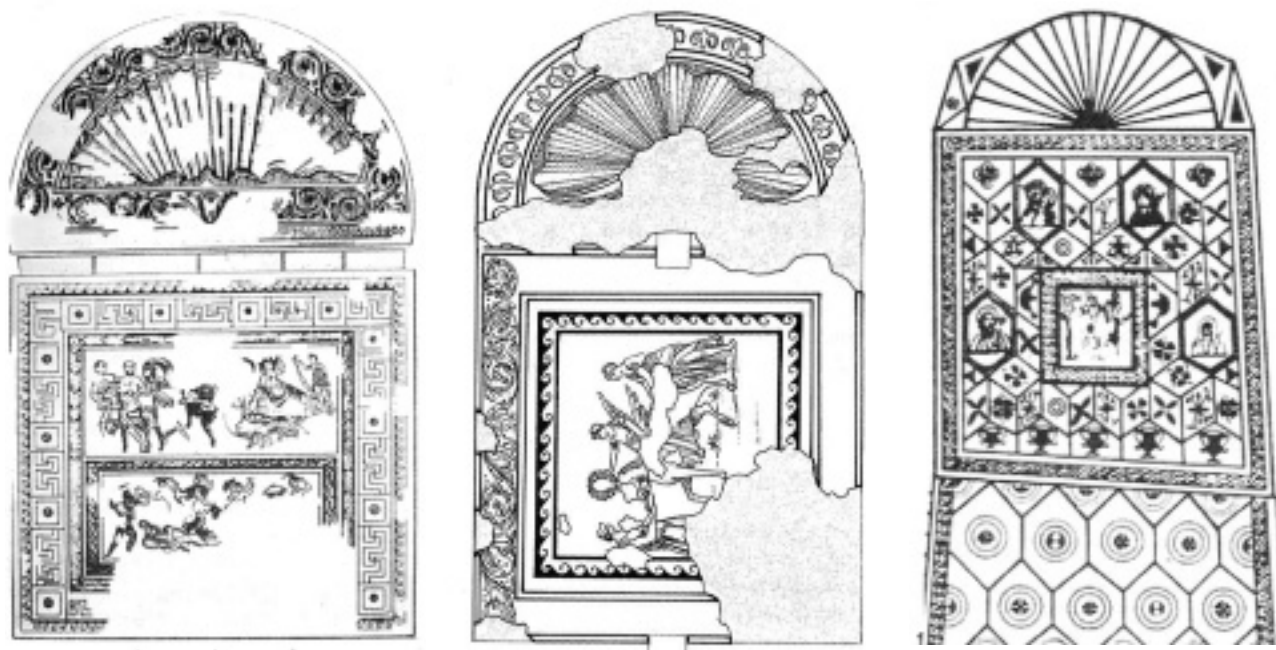


FIG.14 DESENHO DE MOSAICOS DAS *VILLAE* DE FUENTE ÁLAMO, SAN JULIÁN DE VALMUZA, PRADO E DARAGOLEJA, EXIBINDO SECTOR DECORADO NA CABECEIRA QUE ASSINALA A POSIÇÃO DO *STIBADIUM* (ARNAU, 2006, P. 23).

Epílogo

**Da ocupação tardo-romana ao tempo do reino
suévico da Antiguidade Tardia. De aldeia
Altomedieval a espaço de culto cemiterial.
De chão agricultado, no início da Idade Moderna,
às primícias arqueológicas do século XX**

A organização geral do plano da sala triconque do Rabaçal evidencia a escolha por parte do encomendador de um modelo áulico e apresenta-se, como dito, com parte central rectangular (preparada para provavelmente conter um plano de água) e três absides para receber os convivas. Estas absides estão dotadas de espaço suficiente para a instalação dos leitos e mesa do hipotético *stibadium*, bem como de uma passagem de circulação periférica para acomodação dos convivas. Se esta hipótese vier a ser confirmada, no momento da refeição a cabeça dos convivas tenderia para o centro da abside, sendo que os pés estariam dirigidos para a sua curvatura (Fig.7). Estamos certos de que o *triclinium* do Rabaçal é originalmente triabsidado, sendo que o corpo central rectangular da sala e a abside do fundo são os espaços mais ricamente decorados. Assim sendo, as absides laterais apresentam revestimento de mármore apenas nas ombreiras dos vãos de passagem que dão para o corpo central da sala. Daí que



FIG.15 VILLA DE MACEIRA-LIS, LEIRIA. DESENHO DA SALA COM ABSIDE E MOSAICO, SEGUNDO PATRICK RUSSEL, 1848 (PESSOA, 2005, P. 45).

no caso de se tratar de um *stibadium*, a colocação dos convivas mais importantes teria lugar na abside do fundo do *triclinium* e não nas menos exuberantes absides laterais. Sendo certo de que mais do que certezas o que aqui reflectimos são as nossas interrogações, sabemos, através dos vários exemplos citados, serem conhecidas salas onde a utilização do *stibadium* está atestado graças à organização geral do pavimento do espaço construído, faltando claramente a indicação da mesa e do leito.

De facto os painéis de mosaico de motivos geométricos e figurativos, que aqui se conservaram até aos nossos dias, podem ser observados, no seu conjunto, a partir das absides. Ao centro apenas a figura feminina sentada está disposta no sentido inverso ao da abside do fundo do triclinio, olhando a oriente, o sol nascente, evocando o momento primordial da criação renovada (Fig.8). Em contrapartida, em relação às estações do ano, dispostas de forma radial, nos ângulos da cercadura do painel quadrangular central do pavimento de mosaico desta sala, a sua observação é diferenciada para quem os aprecie de cada um dos quatro lados. O efeito é cinemático! Por outro lado, uma característica muito importante que Morvillez (1996, p.140) observou no seu estudo foi a associação frequente, mas não obrigatória, entre a hipótese da existência do leito e a forma semicircular de uma abside. Esta conjunção de forma e função torna-se mais frequente na Antiguidade Tardia com a multiplicação desta forma de sala de recepção nas habitações de todas as categorias (Idem, p.140, 142). Os dados apresentados, considerados preliminares, sobre a particularidade de aspectos arquitectónicos da *Villa* do Rabaçal elevam, no dizer de Theodor Hauschild, este monumento entre os exemplos de época romana tardia.

Estamos certos de que as questões levantadas, não tendo uma resposta definitiva, se enquadram na problemática da variedade e complexidade do protocolo dos banquetes das elites do fim da Antiguidade, bem como das ligações entre este tipo de mobiliário e as formas muito variadas das salas de recepção que os acolhiam (Morvillez, 1992, p.143).

Também, segundo Alexandra Arnau “o incremento das salas absidadas nas residências romanas (cujos estudos as relacionavam sistematicamente com a presença de culto cristão), são hoje unanimemente interpretadas em conexão com o aparecimento de um novo tipo de móvel de forma semicircular, denominado *sigma* ou *stibadium*, estrutura que substitui as tradicionais camas rectangulares (*klinai*) que se situavam em três dos quatro cantos das salas de refeições” (ARNAU, 2006, p.22). Voltando, ainda mais uma vez, à questão da presença da água no pavimento do *triclinium* do Rabaçal, pensamos que, se assim fosse, o defluxe só deveria ocorrer em época estival, sendo que o efeito de espelho e sonoridade só se faria sentir no momento após a instalação do senhor e convidados. Colocados estes num plano ligeiramente superior, no fundo da abside do *triclinium*, seguia-se o serviço e mesmo alguma forma de divertimento, espaço de tempo durante o qual a surpresa seria maior por tudo se passar sobre um fino plano de água. A confirmar-se, acrescido de água e da sua musicalidade, o pavimento de mosaico do *triclinium* do Rabaçal muito decorado, onde ressaltam nas figuras as tesselas de vidro em abundância e uma enorme diversidade de cores no painel central, reunia um quadro de ambiência

original e requintada. Porém, outra hipótese poderá ser colocada. A instalação deste sistema poderá ter servido para controlar a temperatura no interior da sala, mas de forma que os procedimentos técnicos ocorressem em momento não coincidente com a presença do *dominus* e convidados?

Lembre-mos dos sumptuosos e articulados projectos de edificação de *triclinia* com *stibadia* para *cenatio* estival, presentes nas *Villae* de Faragolla (Apúlia) (Fig.14), e na de Piazza Armerina (Sicília), ambas na Itália (VOLPE, DE FELICE, TURCHIANO, 2006, p.239), os quais encontram uma correspondência perfeita na *Villa* espanhola de El Ruedo, Almedinilla (Córdova) (VAQUERIZO; PINES, 1995; CELDRAN, 1997). Estamos perante valores que assentam sobre uma concepção de vida aristocrática no campo em que é dada a maior importância aos rituais do *conuiuium* e à elegância dos espaços adequados para a sua prática.

De facto, a *Villa* romana do Rabaçal exemplifica bem a complexa articulação da *Villa* da Antiguidade Tardia no território de Conímbriga, nomeadamente através do aprofundamento do conhecimento das características da *luxuria* e do *fructus*. Qual o estímulo essencial que leva os ricos proprietários a instalarem-se ao longo do ano nas próprias residências rurais? Como lembra Volpe *et alli*, aqui não só usufruíam de alguns momentos de repouso, de estudo e de refeição, mas também geriam mais directamente os seus *fundi* (VOLPE *et alli*, 2006, p.242).

Em tal contexto social e cultural, revelado na *Villa* romana do Rabaçal, é notável a multiplicação de divisões em número de 27, bem como a hierarquização dos espaços destinados às várias actividades de lazer, em que foi dada uma especial atenção às salas de jantar, a qual juntamente com as termas, jardim, interior e exterior e sala de recepções, constituem elementos diferenciadores da arquitectura rural áulica (Fig.2). De notar que esta *Villa* para além de integrar um palácio e banhos próprios foi dotada de amplos espaços de produção agrícola, pecuária e industrial, num quadro de expansão económica, plausível concentração da posse de propriedade e de um aumento dos estabelecimentos rurais na *civitas* de *Conimbriga* (PESSOA, 2005, p.363-401). Um traço comum entre as *Villas* tardo-antigas é a presença de indicadores do luxo (mosaicos, mármore, estuques, baixos-relevos), bem como o notável aumento da dimensão dos edifícios, como acontece não só em Rabaçal (Penela) mas também, aqui bem perto, em Santiago da Guarda (Ansião).

Faltam-nos atestações literárias ou epigráficas para saber se a *Villa* do Rabaçal pertencia a uma das principais famílias aristocratas de Conímbriga ou se a sua posse é de origem eclesiástica. Poderá o grafito gravado na parte superior de um peso de tear recolhido, no ano de 2003, na escavação arqueológica da *pars rustica*, com a dedicatória L(ucius)VAL(erius) / V(tere) V(ale), segundo José de Encarnação, ser interpretado como um sinal da posse desta *Villa* por parte da família dos *Valerii*? (ETIÉNNE; FABRE; LÉVÊQUE, 1976, p.35, 67, 95). O certo é, pensamos nós, estarmos perante um símbolo da *potentia* de uma rica e culta família aristocrática, da província da Lusitânia, na *civitas* de Conímbriga, da Antiguidade Tardia.

Esta *Villa* construída (conforme provam os achados numismáticos do tempo do imperador Constâncio II, cunhados depois de 351, recolhidos em níveis considerados de pre-

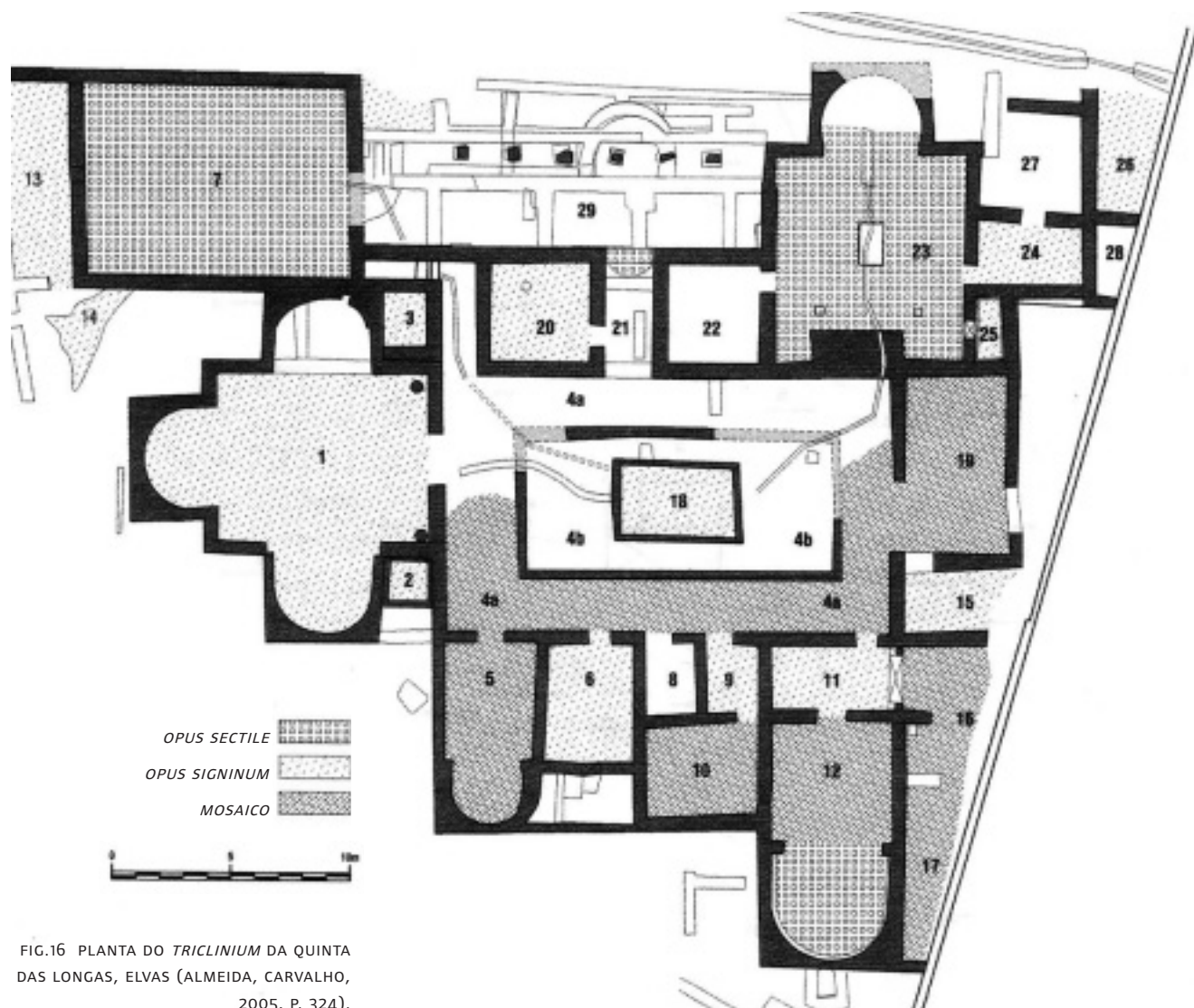


FIG.16 PLANTA DO TRICLINIUM DA QUINTA DAS LONGAS, ELVAS (ALMEIDA, CARVALHO, 2005, P. 324).

paração da construção romana) na segunda metade do séc. IV, poderá ter sobrevivido até ao séc. seguinte, podendo mesmo, dado aos sucessivos restauros de manutenção evidenciados nos mosaicos, demonstrando a mudança do estilo de vida, servido de residência a dignatários do reino suévico no séc. V e VI (MACIEL, 2007, p.212-217). Esta afirmação é corroborada pela datação tardia de alguns vidros aqui recolhidos (ALMEIDA, Maria Manuela (2000) – Os Vidros romanos da Villa do Rabaçal, p.155-164). Porém, o seu abandono não foi imediato. Decorreu ao longo de séculos. Após o auge da sua implantação e usufruto, durante os século IV e V, durante um período de tempo que não conseguimos determinar, deu-se o sobreaproveitamento do espaço para fins habitacionais e outros, como o denotam os muros adjacentes à área urbana, ao balneário e à área rústica, bem como alterações no interior das mesmas.

No espaço de tempo de menos de um século terá aqui ocorrido uma radical descontinuidade na forma de vida e cultura material, sendo que no século IV e no início do século V ainda se banquetevavam sobre o *triclinium* triabsidado, provavelmente dotado de *stibadium*, numa luxuosa sala de jantar com pavimentos de mosaicos policromos com profusos motivos geométricos e requintados temas figurativos ou frequentavam as termas ali ao lado, dotadas de tanques e cabines para a sauna. Mais tarde dá-se o abandono ou a transformação do ambiente da residência e das termas. Viver-se-á entre muros de pedra solta, lembrando rediz de rebanhos de gado miúdo, paredes semi-destruídas, pobres cabanas, pavimentos de terra batida, paredes-meias com espaços de sepultamento e de culto, como é próprio do *status* ligado ao processo de cristianização. A continuidade é só topográfica, a descontinuidade da forma de vida é total (VOLPE, 2006, p.244).

No estado actual dos nossos conhecimentos não é possível esclarecer a exacta fisionomia do habitat rural Alto-Medieval do Rabaçal, sendo porém provável que esta *Villa*, exemplo de povoamento disperso, terá dado lugar, supostamente, a um núcleo de povoamento concentrado, porventura com o estatuto de aldeia. Os acrescentos e as adaptações assim o parecem demonstrar, tanto na área residencial, como no balneário e também na área rústica.

Parece-nos, no entanto, que no epílogo desta ocupação as três partes construídas do conjunto da antiga *Villa* são palco, segundo estudo efectuado pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra (SILVA, *et alii*, 2001, p.20-22) de sucessivos enterramentos (tendo lugar o seu maior número na área residencial), aos quais associamos as moedas aqui descobertas cunhadas nos séculos XIV, XV e XVI (PESSOA, PEREIRA, 1991, p.35-36). A nova *Villa* do Rabaçal, atestada em documentos do séc. XIII, gozando da protecção do Castelo do Germanelo desde o século XII, alcançava em 1514 novo estatuto e importância, atestada pela atribuição de carta de foral de D. Manuel I. A *Villa* romana terá estado, como local de povoamento, espaço cemiterial e de culto, ligada à comunidade do Rabaçal durante dez séculos. O local só terá cessado o seu uso comunitário após o abandono do acto de sepultar. O estatuto religioso cristão, que lhe fora porventura conferido no final da Antiguidade Tardia, só agora cessava o seu efeito no tempo do Rei D. Manuel I. As moedas recolhidas no espaço da *Villa* romana, cunhadas no tempo de D. João III e D. Sebastião, não o contradizem. Poderão lembrar que o estatuto de local de culto não se renova apenas por decreto real mas no silêncio de gerações. A sua transferência terá sido feita para o novo templo e adro cemiterial da nova *Villa* do Rabaçal, apontada por Severim de Faria em 1609 com «cem vizinhos e fresca de arvoredos» (ARNAUT; DIAS, 1983, p.64-67).

A *Villa* romana do Rabaçal, cujo património deverá ser posto, entre outros, ao serviço do crescimento e do desenvolvimento local, passou então a chão agrícola, de culturas de sequeiro e olival, ficando ela própria sepultada cinco séculos. 1904, 1956, 1974 e 1979 marcam os pródomos da sua descoberta. Mas essa é uma história mais recente com muitos autores conhecidos, múltiplos testemunhos e solidários contributos. ●

Bibliografia

- ALARCÃO, Adília Moutinho (1987) – *Ruínas de Conímbriga*. Roteiros da Arqueologia Portuguesa. 2, Instituto Português de Museus, Lisboa.
- ALARCÃO, Jorge de (1974) – *Portugal Romano*, Verbo, Lisboa.
- ALARCÃO, Jorge de (1993) – Arquitectura romana. *História da Arte em Portugal – Do Paleolítico à arte Visigótica*. Alfa, Vol.1, Lisboa, p. 75-109.
- ALMEIDA, Maria José; CARVALHO, António (2005) – “Villa romana da Quinta das Longas, Elvas, Portugal – A lixeira baixo-imperial”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Volume 8, nº 1, p. 299-368.
- ALMEIDA, Maria Manuela (2000) – “Os Vidros romanos da Villa do Rabaçal”, *Villa romana do Rabaçal – Um centro na periferia*, Volume II, p. 155-164).
- ARCE, J.; ZOREDA, L. C.; ELVIRA, M. A. (1979) – Valdetorres del Jarama, Madrid. Informe preliminar de las excavaciones arqueológicas. Primera Campanha 1978. Diputacion Provincial de Madrid.
- ARNAU, Alexandra Chavarria (2006) – “Villas en Hispania durante la Antigüedad Tardia”, *Anejos de AESPA*, XXXIX, CSIC, Madrid, p. 17-35.
- ARNAUT, Salvador Dias; DIAS, Pedro (1983) – *Penela. História e Arte*. Câmara Municipal de Penela.
- BALTY, Janine (1984) – “Note sur l’habitat romain bysantine. Bilan des Recherches. 1973-1979. Aspect de l’Architecture d’Apamée”, (Bruxelles, 1980), p. 471-501.
- BUSTACCHINI, G. (2000) – *Ravenna. Capitale de la mosaïque*. Cartolibreria Salbaroli, Ravenna.
- DUNBABIN, Katherine (1991) – *Triclinium and stibadium*, in Slater, W. J. (ed.), *Dining in classical context*, Ann Arbor, p. 121-148.
- EIRÓ, Ana Maria ; SOARES, Jorge (2008) – *Saúde e Medicina em Portugal e no Brasil. 200 anos*, Alto Comissário da Saúde, Museu da Universidade de Lisboa.
- ETIÉENNE, Robert; FABRE, Georges; LÉVÊQUE, Pierre et Monique (1976) – *Épigraphie et Sculpture*, Fouilles de Conimbriga, II, M. A. F. P. / M. M. C., p. 35, 67, 95.
- HAUSCHILD, Thodor (1995) – “Transformação no campo na baixa romanidade em Portugal”. In *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*. Institut d’Estudis Catalans. Monografias de la secció històrico arqueològica. Barcelona, p. 377-382.
- LANCHA, Janine; ANDRÉ, Pierre (2000) – *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal. II Conventos Pacensis. 1- A Villa de Torre de Palma*, Instituto Português de Museus / Ministério da Cultura, Lisboa (com colaboração de F. ABRAÇOS, A. ALARCÃO,
- D. BERNARD, J. BOST, J. P. BRUN, M. MACEDO, R. NUNES, F. REAL, C. VIEGAS).

LUGAND, Marc; PELLECUER, Christophe (2007) – *Villa-Loupian. Une Villa Gallo-romaine en Narbonnaise*, Communauté de Communes Nord du bassin de Thau, Loupian.

MACIEL, Manuel Justino (1992) – “Vectores da Arte Paleocristã em Portugal nos contextos suévico e visigótico”, XXXIX Corso di Cultura sull’Arte Ravennate e Bizantina, Istituto di Antichità Ravennate e Bizantine – Ravenna, p. 435-495.

MACIEL, Manuel Justino (1996) – *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, Edição de autor, Lisboa.

MACIEL, Justino (2000) – “Suevos, Bizantinos e Visigodos no Sul da Bética e da Lusitânia: Arte, Percursos e Fronteira”, Separata dos *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Volume XL (1-2), Porto, p.185-194.

MACIEL, Justino (2007) – “Os Suevos na Galécia e na Lusitânia”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 11, Oeiras, Câmara Municipal, p. 209-232.

MANTAS, Vasco Gil (1985) – “Dois novos miliários do território de Conimbriga”, *Biblos*, 61, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, p. 159-179.

MORVILLEZ, E. (1996) – “Sur les installations de lits de table en sigma dans l’architecture domestique du Haut et du Bas-Empire”, *Pallas*, *Révue d’études antiques*, 4, Presses Universitaires du Mirail, p.119-158.

OLEIRO, João Manuel Bairrão (1993) – “Mosaico Romano”. In ALARCÃO, J. de, eds. lts. – *História da Arte em Portugal - Do Paleolítico à arte Visigótica*. Alfa, Vol.1, Lisboa, p.110-127.

OLEIRO, J.M.; ALARCÃO, A.M.; ALARCÃO, J. (1979) – *Conímbriga. Roteiro do Museu e das Ruínas*, MMC/SEC, Coimbra.

PEREIRA, R.; CORREIA, V. H.; SALES, P. (2002) – *Mosaico de Santiago da Guarda*. Câmara Municipal de Ansião. (Relatório de progresso técnico-científico. Intervenção arqueológica no Paço dos Vasconcelos/Instituto Português de Arqueologia).

PEREIRA, Rodrigues Marques (2006) – “Um sedimento, uma ruína, um projecto. O Paço de Vasconcelos, em Santiago da Guarda. A Campanha Arqueológica”, *Monumentos*, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 25, Lisboa, p.218-221.

PESSOA, Miguel; PONTE, Salete da (1984) – “Sondagens no Rabaçal, Penela”, *Arqueologia*, 10, Porto, p.113-116.

PESSOA, Miguel; PEREIRA, Isabel (1991) – *Villa romana do Rabaçal, Penela – As Moedas*, Câmara Municipal de Penela, Instituto da Juventude, Coimbra.

PESSOA, M. (1998) – *Villa romana do Rabaçal: Um objecto de arte na paisagem*. Câmara Municipal de Penela e Associação de Municípios da Serra de Sicó, Penela.

PESSOA, Miguel (2000) – *Villa romana do Rabaçal – Um centro na periferia*, Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2 volumes.

PESSOA, M.; RODRIGO, L.; SANTOS, S. S. (2004) – *Villa romana do Rabaçal. Era uma vez ...*, Catálogo da Exposição Permanente do Espaço-museu do Rabaçal, Câmara Municipal de Penela e Terras de Sicó. Penela.

PESSOA, M.; RODRIGO, L. (2009) – *Registo gráfico de mosaicos in situ na Villa romana do Rabaçal. 2002-2008. Uma experiência de voluntariado e de entajuda internacional*. Catálogo de Exposição temporária no Espaço-museu do Rabaçal, Penela., Portugal. Município de Penela.

PESSOA, Miguel (2005a) – *Arte sempre nova nos mosaicos romanos das Estações o Ano em Portugal*. Câmara Municipal e Terras de Sicó. Catálogo de exposição temporária / Espaço-museu do Rabaçal, Penela.

PESSOA, Miguel (2005b) – “Contributo para Estudo dos Mosaicos Romanos das civitates de Aeminium e de Conimbriga, Portugal”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 8, nº 2, p. 363-401

PESSOA, Miguel (2007) – “Mosaicos da Villa romana do Rabaçal, Penela – Prelúdio de Arte Bizantina?”, *Revista de História da Arte*, nº 3, do Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, p. 85-101.

PITCHER, Lynn Passi (1997) – “La Villa tardoantica du Palazzo Pignano”, *Projecto Europeu de Cooperação: Rabaçal, Penela (Portugal), Palazzo Pignano, Cremona (Itália), Valdetorres del Jarama, Madrid (Espanha), Eurocultures, Bruxelles*, p. 27-29.

ROCHA, António dos Santos (1905) – *Catálogo Geral do Museu Municipal da Figueira da Foz*, Imprensa Lusitana, Figueira da Foz.

SILVA, Ana Maria *et Allii* (2001) – “A necrópole do século XVI instalada na Villa romana do Rabaçal, Penela”, *Roteiro Rabaçal Aldeia Cultural*, C. M. P., p. 20-22.

VAQUERIZO, Gil D.; NOGUERA CELDRÁN, J. M. CARRILLO DIAZ-PINES, J. M. (1997) – *La Villa romana del Ruedo (Almedenilla, Córdoba). Decoración escultórica e interpretation*, Múrcia.

VAQUERIZO, Gil D.; CARRILLO DIAZ-PINES, J. M. (1995) – “The roman Villa of El Ruedo (Almedenilla, Córdoba)”, *Journal of Roman Archaeology*, 8, p. 121-154.

VOLPE, Giuliano; DE FELICE, Giuliano; TURCHIANO, Maria (2006) – “La Villa tardoantica di Faragola (Ascola Satriano) in Apulia”, *Anejos de AESPA*, XXXIX, CSIC, Madrid, p. 221-251.

Abreviaturas de obras citadas

Décor I = BALMELLE, C.; BLANCHARD-LEMÉE, M.; CHRISTOPHE, J.; DARMON, J.-P.; GUIMIER-SORBETS, A.-M.; LAVAGNE, H.; PRUDHOMME, R.; STERN, H. (1985) – *Le Décor géométrique de la mosaïque romaine*. Paris: Picard.

Décor II = BALMELLE, C.; BLANCHARD-LEMÉE, M.; DARMON, J.-P.; GOZLAN, S.; RAYNAUD M.-P. (2002) – *Le décor géométrique de la mosaïque romaine II: répertoire graphique et descriptif des décors centrés*. Paris: Picard.

Répertoire = BLANCHARD-LEMÉE, M.; CHRISTOPHE, J.; DARMON, J.-P.; LAVAGNE, H.; PRUDHOMME, R.; STERN, H. (1973) – *Répertoire graphique du décor géométrique dans la mosaïque antique*. BullAIEMA, 4ème fascicule/Mai, Paris.